



O PESO DE SER MULHER

Juliana Prestes de Oliveira
Amanda Laís Jacobsen de Oliveira
Nícollas Cayann Teixeira Dutra

(PPGLetras da UFSM/Universidade Federal de Santa Maria -Doutorado)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
<p>Juliana Prestes de Oliveira é licenciada em Letras Português-Inglês, pela UTFPR, Mestra em Letras Literatura e Especialista em TIC aplicadas à educação, ambas pela UFSM e atualmente é doutoranda em Letras Literatura, do PPGLetras da UFSM. E-mail: jprestesdeoliveira@gmail.com</p> <p>Amanda Laís Jacobsen de Oliveira é licenciada em Letras Português-Inglês, pela UTFPR, e Mestra em Letras Literatura, pela UFSM e atualmente é doutoranda em Letras Literatura, do PPGLetras da UFSM. E-Mail - amandajacobsen.o@gmail.com</p> <p>Nícollas Cayann Teixeira Dutra é bacharel em Relações Públicas, pela UFPEL, e Mestre em Letras Literatura, pela UNILA e atualmente é doutoranda em Letras Literatura, pelo PPGLetras da UFSM. E-mail - nicollascayann@gmail.com</p>

RESUMO	ABSTRACT
<p>Este trabalho é uma reflexão acerca do conto "Peso", de Margaret Atwood. Nele é discutido as situações de violências vivenciadas pelas mulheres, bem como o peso de ser uma mulher em uma sociedade patriarcal e machista. A autora também traz à tona, por meio dos pensamentos da protagonista sobre sua vida e o que está fazendo no momento da narrativa, questões relacionadas aos papéis sociais impostos às mulheres. Os modos que as mulheres precisam encontrar para, sem parecer subversiva aos olhos dos homens, conseguir o que desejam e lutar contra as amarras patriarcais.</p>	<p>This work is a reflection of Margaret Atwood's short story 'Weight'. In the short story is discussed the situations of violence lived by women, as well as the weight of being a woman in a sexist and patriarchal society. The author also brings to light, through the thoughts of the main character about her life and what she is doing in the moment of the narrative, issues related to the social roles imposed to women. The ways that women have to find, without looking like subversive through men's eyes, as well as reaching what they want and finding ways to fight the society's oppressive braces.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Peso; mulher; Margaret Atwood.	Weight; woman; Margaret Atwood.

Você não está agindo como uma mulher de verdade! Isto não é comportamento de uma mulher direita! Mulher tem que ser amável! Ela é bela, recatada e do lar, como uma mulher deve ser! Isto não é brinquedo de menina! Este trabalho, mulher não pode fazer! Está reclamando porque é malcomida! Não gosta de homem, porque não foi comida direito! Está muito gorda! Está muito magra! Isto não são modos de uma mulher se vestir? Mulher não entende nada de futebol! Faça isso, faça aquilo, perca peso, tenha estilo, não fale alto, leia isso, siga a moda. Que mulher nunca ouviu uma máxima dessas? Que mulher não é, ou não foi, reprimida a partir dessas máximas? Quantas mulheres foram criadas no meio desses discursos e tentam se encaixar nesses ditames? Quantas mulheres sentem o peso de serem mulheres conforme a sociedade exige e, se não fizerem isso, sentem o peso das consequências?

A sobrevivência neste meio é praticamente um jogo. Jogo esse que a personagem narradora do conto “Peso”, de Margaret Atwood (traduzido na versão aqui consultada por Maria Alice Máximo) faz parte, mesmo não desejando. Nesse conto, a narradora relata a sua história e a de sua amiga Molly, advogada que lutava pelas mulheres vítimas de violência doméstica, e que acabou vivenciando um relacionamento abusivo e violento culminando em sua morte, assassinada pelo próprio marido. Paralelo a isso, a narradora, não nomeada, nos conta suas estratégias e relações com homens ricos, a fim de conseguir dinheiro para o abrigo que atende mulheres que sofrem violência, o *Mollys’s Place*. A manutenção desse lugar é o mote para suas atitudes e o que a mantém ligada de alguma forma com sua amiga Molly, talvez como uma forma dela se redimir com a amiga que pouco ajudou. Segundo a narradora, o nome do abrigo foi escolhido em “homenagem a uma advogada que foi assassinada com o tira-pregos de um martelo pelo marido” (ATWOOD, 2010, p. 233); advogada essa que, à medida que lemos o texto, descobrimos ser a amiga da narradora, a Molly.

A diegese inicia com a narração do peso que a protagonista carrega devido à sua história e à de Molly e por ser quem é: “Estou ficando mais pesada. Não digo gorda, apenas mais pesada. [...]. O peso a mais que sinto está na energia que queimo para me deslocar pelo mundo [...]. É a pressão que sinto nos pés. É a densidade das células, como se tivesse bebido metais pesados. Nada que se possa medir” (ATWOOD, 2010, p. 233). Tal peso pode ser entendido como algo relacionado ao fato de, diante da sociedade e do meio em que está inserida (o escritório de advocacia em que trabalha e os fóruns de justiça), ter de agir conforme lhe é exigido, por ser mulher e por precisar enfrentar preconceitos e descrédito. Também pode ser visto como o peso de ter ignorado o trabalho feito por sua amiga com as mulheres agredidas e não ter conseguido ajudar Molly, quando essa estava em um relacionamento abusivo. É como se ela sentisse culpa pela morte da amiga:

“Molly, eu a decepcionei. Desisti cedo demais. Não aguentei a pressão. Eu queria segurança. Talvez tenha decidido que a maneira mais rápida de melhorar a vida das mulheres fosse melhorando a minha” (ATWOOD, 2010, p. 241). Isso abala de alguma forma a protagonista, a tal ponto que a faz pensar: “não chegarei ao fim do dia. Um mal súbito, um acidente de automóvel. Terei um ataque cardíaco. Saltarei de uma janela” (ATWOOD, 2010, p. 233). Também podemos pensar na ideia de Irigaray (1992) sobre a falta de uma genealogia entre as mulheres, a não existência de uma união que auxilia no avanço das lutas feministas e conquistas de direitos.

Apesar de várias pessoas, em nossa sociedade, afirmarem que não existe machismo, que as mulheres têm os mesmos direitos que os homens, e que basta termos capacidades para alcançarmos nossos objetivos, pois há meritocracia, a vivência mostra uma realidade diferente. Somos, na grande maioria das vezes, segregadas, tratadas como submissas ou como reprodutoras. Realidade essa enfrentada pela protagonista e por Molly, mesmo elas tendo chegado aonde chegaram usando o “cérebro privilegiado [...] e esforço próprio” (ATWOOD, 2010, p. 236), elas não eram valorizadas no meio jurídico. O sonho de mudar a realidade das mulheres a partir do Direito tornava-se distante:

Molly e eu sonhávamos alto, então. Íamos quebrar a tradição machista no campo do direito. Usar estratégias para explodir a rede impenetrável daqueles chauvinistas, mostrar que as mulheres eram capazes de trabalhar, o que quer que fosse isso. Íamos mudar o sistema vigente, conseguir condições equânimes de divórcio, lutar pela igualdade de salários. Queríamos justiça e jogo limpo. Achávamos que era para isso que existiam leis.

Não nos faltava coragem, mas começamos pela extremidade errada. Não sabíamos que seria necessário começar pelos juízes (ATWOOD, 2010, p. 236).

Ao entrarem na faculdade elas se depararam com o difícil cenário que enfrentariam:

Quando estudávamos na faculdade de direito, nos esforçando como loucas porque sabíamos que precisávamos ser duas vezes melhores do que os homens para a final ganharmos menos do que eles ganham, costumávamos sair juntas nos intervalos para tomar café e nos matar de rir inventando significados tolos para palavras que os rapazes usavam ao se referirem a nós. Ou a mulheres, em geral, mas nós sabíamos que eram de nós que eles zombavam (ATWOOD, 2010, p. 235).

Esse comentário contém uma problemática que permeia o conto todo, apontando nesse caso com mais ênfase o modo como a língua contém em si as expressões do patriarcado. As palavras não apenas revelam como também produzem as lógicas sociais nas quais estamos inseridos, constituindo o mito no qual a voz patriarcal parece se tornar a voz que seria neutra, humana, quando na verdade é a voz que fala em nome de uma

parcela bem específica da população. Assim como discorre Luce Irigaray (1992, p. 21), a misoginia e o patriarcado são mitos que, diante da nossa falta de distanciamento, chegam a ser considerados como a única ordem possível.

Quando utilizam as mesmas formas linguísticas recorrentes entre os homens para caçar delas, as duas personagens o fazem como em uma paródia. Dessa forma, usam do discurso patriarcal, majoritário, de modo a distorcê-lo e reapropriar seu significado. Trata-se da estratégia comentada por Laura Mulvey (1999, p. 834) em repensar a ordem falocêntrica a partir de suas próprias ferramentas, para nos fazer chegar mais próximas das raízes da nossa opressão, oferecendo-nos uma articulação mais próxima ao problema, para pensarmos no desafio de lutar com uma estrutura inconsciente tal como a linguagem, enquanto ainda permanecemos aprisionadas na linguagem do patriarcado. É impossível produzirmos uma alternativa imediata partindo do zero, todavia podemos começar a fazer rupturas examinando o patriarcado através das ferramentas por ele mesmo oferecidas.

Contudo, essa cumplicidade entre as duas foi se perdendo ao iniciarem seus trabalhos em um escritório de advocacia. A protagonista resolveu adaptar-se ao meio, até achar Molly como os homens as chamavam quando estudantes (estridente), enquanto

Molly seguiu adiante. Perdeu aquele jeito de menina; sua voz adquiriu uma certa aspereza depois que ela passou a fumar um cigarro atrás do outro. Seus cabelos perderam o brilho e sua pele ficou sem viço, mas ela não prestava atenção a essas coisas. Começou a me falar insistentemente sobre minha falta de seriedade e também sobre minhas roupas, com as quais, na sua opinião, eu gastava demais. Pôs-se a usar palavras como *patriarcado*. Comecei a achá-la estridente.

– Molly – disse eu –, por que você não desiste? Você está batendo a cabeça numa parede. – Senti-me uma traidora por dizer isso. Mas também teria me sentido traidora se não dissesse, porque Molly estava se acabando. E por ninharias. O tipo de mulheres cujas causas ela defendia nunca tinha dinheiro algum.

– Estamos fazendo progresso – disse ela. Seu rosto estava ficando emaciado como o de uma missionária. – Nós estamos conseguindo alguma coisa.

[...]

Isso foi antes de ela se casar com Curtis (ATWOOD, 2010, p. 241-242, grifo da autora).

Por mais que Molly lutasse por aquilo que acreditava e se empenhasse em ajudar as mulheres, o fato de estar praticamente sozinha e sufocada por uma sociedade patriarcal sugava suas forças. Ademais, Molly desejava casar-se, ter uma família e, apesar de conhecer o mundo machista que vivia, acredita nos homens e no amor: “Molly não tinha raiva dos homens. Ela beijava muitos sapos. Achava que qualquer sapo poderia ser transformado em príncipe se fosse suficientemente beijado... por ela” (ATWOOD, 2010, p. 236), fato esse que acabou levando-a a abandonar seus objetivos, sendo presa ao papel de

esposa e podada por seu marido. A relação que a narradora faz com o “beijar o sapo” é algo presente nos contos de fadas, pelos quais se ensinam às meninas que elas podem mudar os homens para melhor, basta se dedicarem a eles. O que faz com que muitas não vejam que, às vezes, é um monstro que não pode ser mudado. Tal construção pode ser relacionada ao capítulo intitulado “Amor”, do livro *A dialética do sexo* (1976), de Shulamith Firestone, em que ela discorre sobre como a ideia de amor foi elaborada através dos anos como um meio de dominação das mulheres. Talvez por isso o relacionamento de Molly e Curtis era violento: ela não atendia às expectativas dele. Para a protagonista, Molly não foi vítima: “[e]la era uma pessoa cheia de esperança. Foi a esperança que a matou” (ATWOOD, 2010, p. 245).

A protagonista, ao adentrar o mundo dominado pelos homens, revê seu posicionamento. O peso do papel designado a ela a domina em certa medida, tanto que ela aparentemente aceita seu papel, sem perder as suas convicções, mas muda a estratégia de combate, sendo mais cautelosa e calculista em como agir. Ela sabia que “um sapo era um sapo e jamais deixaria de sê-lo. O que havia de se fazer era achar o mais agradável dentre os sapos e apreciar o que ele tivesse de melhor. Mas era preciso estar sempre atenta” (ATWOOD, 2010, p. 236).

A narradora se utilizava dos estereótipos que lhes eram dados e da sua condição para fazer o mesmo que os homens faziam com as mulheres: usá-las para seus interesses e depois descartá-las. Com isso, ela conseguia arrecadar dinheiro dos homens com quem saía para o *Molly's Place* e dar continuidade ao trabalho iniciado por Molly e, quem sabe assim, diminuir um pouco o peso da culpa que carrega: “agora sorrio para ele e brinco muito levemente com a haste delgada do meu corpo, e minto com absoluta convicção. Não sei fazer bem esse tipo de coisa, digo. Entrei nisso a contragosto porque acho difícil dizer não. Faço isso por uma amiga. Isso é verdade: Molly era minha amiga” (ATWOOD, 2010, p. 234). Assim, a protagonista observa, detecta o que o outro deseja e o entrelaça em seu jogo a fim de atingir seus objetivos.

É o peso da autoridade que os homens como Charles desejam, e ela sabe disso, deixando-os acharem que estão sendo. Ela fala, age, se veste e se comporta como eles querem que uma mulher como ela seja: “Charles segura meu cotovelo de maneira discreta, mas como proprietário. Um toque leve de mão pesada” (ATWOOD, 2010, p. 246). Ela cumpre seu papel de amante e, assim como Firestone (1976) afirma que a amante é importante para a manutenção da família tradicional e reprodução dessa, por isso é mantida, mesmo que na penumbra, pelo patriarcado, e sabe do peso que isso tem.

Isso lhe dá sensação de poder: “penso nas coisas que eu poderia revelar e me sinto poderosa. [...] Mas se eu fizesse isso, perderia o poder. O conhecimento é poder apenas enquanto não for revelado” (ATWOOD, 2010, p. 238-239). Contudo, mesmo que ela

consiga algumas vantagens com as estratégias e escolhas feitas, fazer isso faz com que ela despenda muita energia. Isso pesa em sua existência: “tenho medo, não porque haja alguém no meu quarto, no escuro, na minha cama, mas porque não há. Tenho medo do vazio que jaz na cama a meu lado como um cadáver” (ATWOOD, 2010, p. 240). Mesmo assim, ela segue em frente, como se isso fosse aliviar o peso de ter dado as costas para Molly.

Por fim, de modo breve a partir desta resenha, tenta-se expor a maneira como a protagonista, também narradora, contém em si o papel da mulher que não consegue agir imediatamente contra o sistema patriarcal no qual está inserida. Isso não significa que ela seja inconsciente diante das relações de poder implicadas na compreensão de gênero na nossa sociedade. Pelo contrário. Essa personagem, consciente do funcionamento da estrutura patriarcal, age por meio de uma das estratégias percebidas como alternativa pelas moções feministas e femininas no mundo patriarcal: conhecendo o fato de que todos os indivíduos (reconhecidos em diversos gêneros) foram constituídos na própria ordem patriarcal que desejam desestabilizar, estando todos eles, portanto, submetidos à sua linguagem, à sua estrutura e à sua lógica de poder, toma-se atitudes que pretendem problematizá-la a partir de dentro, usando de seus próprios elementos. Sendo assim, a narrativa de Atwood parece apresentar como que uma alternativa de reflexão e ação para (re)pensarmos e agirmos de maneira a ressignificar as compreensões comuns dos papéis de gênero na sociedade.

REFERÊNCIAS

ATWOOD, Margaret. Peso. Tradução de Maria Alice Máximo. In: CHAO, Stéphane. **Antologia panamericana**. Rio de Janeiro: Record, 2010. p. 233-247.

FIRESTONE, Shulamith. **A dialética do sexo**. Trad. Vera Regina Rebelo. [s./l.]: Editorial Labor do Brasil, 1976.

IRIGARAY, Luce. **Yo, tu, nosotras**. Trad. Pepa Linhares. Madrid: Cátedra, 1992.

MULVEY, Laura. Visual Pleasure and Narrative Cinema. In: BRAUDY, Leo; COHEN, Marshall. (Org.). **Film Theory and Criticism: Introductory Readings**. New York: Oxford UP, 1999, p. 833-844. Disponível em: <http://www.composingdigitalmedia.org/f15_mca/mca_reads/mulvey.pdf>. Acesso em: 22 de outubro de 2018.

Título em inglês:

THE WEIGHT OF BEING A WOMAN